
Reseña de *Sobre el vacío. Puentes entre marxismo y psicoanálisis*

David Pavón-Cuéllar. Paradiso Editores (Ciudad de México, México), 2022.
227 páginas

Maria Lucia Macari

RECIBIDO: 25 de enero de 2023

Reseña de *Sobre el vacío. Puentes entre marxismo y psicoanálisis*

David Pavón-Cuéllar. Paradiso Editores (Ciudad de México, México), 2022. 227 páginas

Maria Lucia Macari

Sobre el vacío. Puentes entre marxismo y psicoanálisis é um livro publicado pelo psicólogo crítico e filósofo mexicano David Pavón-Cuéllar. Atualmente David trabalha como professor e pesquisador da Universidade Michoacana de San Nicolás de Hidalgo (UMSNH), localizada na cidade de Morélia, Michoacán, México. Foi, também, professor visitante de outras universidades dentro e fora de seu país. Dirige a revista anual eletrônica *Teoría y Crítica de la Psicología* e é editor associado de *Psychology and Politics Internacional*. Suas pesquisas e publicações versam sobre as interseções entre psicanálise lacaniana, marxismo e psicologia crítica.

Este livro em questão trata-se de um compilado de 12 textos elaborados a partir da revisão, correção e ampliação reflexiva de intervenções orais realizadas pelo próprio autor entre 2013 e 2022 em diversos lugares e eventos. Como o próprio título diz, o autor busca, a partir da metáfora das pontes, tecer algumas indissociáveis – segundo as suas palavras – articulações entre o campo freudiano e o marxista. A ideia de ponte traz uma ambiguidade interessante para as reflexões que seguem, na medida em que, ao mesmo tempo, designa uma potência e um risco. Sua potência estaria relacionada a três aspectos fundamentais da relação entre os campos freudiano e marxista: a distância entre os dois, o trânsito entre um e outro e o caráter construído e superposto para esse trânsito. Nessa mesma medida, o risco reside, principalmente, na sugestão e na claridade que a metáfora das pontes pode causar, nos levando a imaginar que haveria, de fato, dois lugares diferentes que se encontrariam em um mesmo espaço e que poderiam se comunicar através de algo tão inequívoco e inquestionável como uma ponte.

A partir de uma ética pautada pela psicanálise e pelo materialismo dialético, David tenta nos mostrar que as pontes são – ou pelo menos deveriam ser - construídas a partir da equivocidade. Não ao acaso, o vazio do título. Essa noção, tão polêmica na cultura quanto cara à psicanálise lacaniana instaura perguntas, abre brechas, incita contradições e não nos consola com respostas e soluções reconfortantes. O vazio como uma condição de possibilidade para uma ação política efetiva. Isso quer dizer que, se tratando dos campos freudiano e marxista há muitos pontos em comum, mas, também, espaços lógicos diferentes e incomensuráveis. Ao mesmo tempo, esses espaços podem implicar-se uns aos outros, na medida em que coexistem em um mesmo tempo histórico, que intersectam

seus objetos e se relacionam através da cultura expressando a mesma crise da modernidade, o que os torna, de algum modo, correspondentes.

A necessidade de pontes, ressaltada por um autor que vive em um país marcado pela lógica dos muros imposta pelo vizinho imperialista, pode parecer evidente. No entanto não é. A primeira razão das pontes, segundo David, é de índole política: reconhecer a separação entre indivíduo e sociedade – correlativa à dissociação entre mundo psíquico interno e mundo físico externo - não apenas como um efeito histórico da divisão de classes, mas, como uma condição estrutural. A segunda razão seria mais teórica: a de que o vazio não apenas constitui internamente a cada um dos campos marxista e freudiano, mas, se abre externamente entre os dois, podendo chegar a comprometer suas existências ao “*vaciarlos de su vacío, al resolver su contradicción*” (p. 16, grifos do autor), o que reduziria o materialismo dialético a uma simples sociologia e a psicanálise em uma simples psicologia.

Por isso, mais do que um tratado teórico, este livro é um testemunho de um autor latino-americano, implicado com as questões inerentes a seu contexto, comprometido em dar continuidade a um projeto político começado pelos freudomarxistas e outros nomes do marxismo na psicanálise, com a finalidade de repolitizar a herança freudiana no sentido de uma esquerda radical e comunista, ou seja, que busca “atacar el problema por la raíz” (Marx, 1982, p. 497, citado por Pavón-Cuéllar, 2022, p. 21). Assim, nos brinda com os seguintes textos:

O primeiro capítulo, intitulado “*Cronología del color carne: Freud ante el marxismo y el comunismo*”, traz um resgate histórico da obra do pai da psicanálise, a partir do qual, o autor desmente a premissa de que Freud jamais teria se interessado pelas intersecções entre o seu campo com o marxismo. Nesse sentido, traça alguns distanciamentos, mas também aproximações, de Freud com a teoria marxista. Para David, Freud não exclui a possibilidade de unir o seu legado ao de Marx, assim como o fizeram os freudomarxistas de sua época. O que ele não aceitava, era colocar a psicanálise a serviço de uma visão de mundo [*Weltanschauung*], como considerava o bolchevismo russo da época em suas ilusões. Quando Mussolini toma o poder na Itália, Freud é acusado de “no ser ni negro, ni rojo, ni fascista ni socialista” (p. 31), ao que responde que “uno debe ser color de carne” (Jones 1957, p.343 citado por Pavón-Cuéllar, 2022, p. 32). No fim das contas, Freud coincide com os marxistas e os comunistas no fundamental: pela *cor carne*, cor de sangue, o vermelho da verdade material humana. Já no capítulo 2, “*Revoluciones en el diván: tradición freudomarxista y crítica de la ideología psicoterapéutica*”, o autor busca algumas velhas pontes construídas entre 1920 e 1970 por autores clássicos como Luria, Bernfeld, Reich, Fenichel, Adorno, Marcuse, Fromm, Bleger, Caruso e Langer, para questionar os aspectos ideológicos da psicologia e, conseqüentemente, da psicoterapia. Essas reflexões

trazem à tona diversos aspectos políticos inerentes ao fazer clínico, deixando clara a importância das pontes entre psicanálise e marxismo.

O capítulo 3, *“El psicoanálisis a la izquierda: entre el apolitismo de Freud y la opción política de sus seguidores”* nos apresenta os freudomarxistas como o melhor exemplo dos freudianos implicados politicamente. Com isso, reconhece na herança freudiana certas consequências políticas que a inclinam espontaneamente no sentido da esquerda. Nesse sentido, para o autor, *“el psicoanálisis o es de izquierda o no es”* (Pavón-Cuéllar, 2022, p. 74, grifos do autor). Não ao acaso, o capítulo 4, fruto de uma fala para jovens ativistas de esquerda da UMSNH, intitulado *“Decálogo freudiano para el militante comunista”*, aborda justamente algumas contribuições do ensino de Freud importantes para quem está comprometido com o desejo do comunismo. Reconhecendo que esse ensino traz consequências políticas, David aborda, em dez conselhos, alguns ensinamentos que Freud poderia oferecer a um militante comunista.

Já no capítulo 5 *“Marxismo, psicoanálisis y crítica del dualismo psicológico: de la represión al retorno de lo reprimido em la histeria y en la conciencia de classe”*, encontramos uma importante contribuição contra-colonial, na medida em que, a partir do monismo freudomarxista, o autor constrói uma crítica ao dualismo psicológico. Esse dualismo está diretamente à serviço do capitalismo e da colonização do sujeitos e da política, na medida em que, ao se separar mente e corpo, se constrói uma relação de dominação e exploração justificada pela própria divisão. Nessa lógica, *“la exterioridade se torna un aparente Otro de la psicología entendida como Otro del Otro”* (p. 99). Não ao acaso, o capítulo 6 *“Marx en el mundo, en la psicología y en el psicoanálisis”* reconhece a importância do legado de Marx, posto que as suas contribuições mudaram os rumos da história. Para David, o que Marx nos oferece é um questionamento - sempre atual - do inquestionável de cada época, bem como, a crítica de todas as generalizações, essencialismos e naturalizações, indo mais além do evidente e, portanto, enganoso de nossa realidade. Por isso a importância de Marx na psicologia e na psicanálise: necessitamos de uma teoria que nos possibilite pensar sobre o sujeito sem objetivá-lo como um objeto da psicologia ou como expressão ou parte de uma estrutura objetiva socioeconômica do capitalismo.

Pensando por essas vias, o autor escreveu o capítulo 7: *“¿Por qué ser marxista en psicoanálisis?”*. A partir de uma fala organizada pelo movimento freudomarxista da Universidade Emiliano Zapata, David tenta responder a essa pergunta de uma maneira muito interessante. Dentre os diversos motivos, ressalta a importância de situar historicamente os sujeitos, de modo que não se universalize as experiências. Dessa maneira, reconhece os efeitos que isso pode ter na escuta, na medida em que pode nos ajudar a tratar os sujeitos como o que são: *“seres transindividuales, como conjuntos de comunidades, clases, grupos de pertenencia”* (p. 131) e não seres sem história, encerrados

em um eu individualista. Além disso, o marxismo pode nos imunizar contra o aburguesamento e a psicologização da psicanálise subordinada aos interesses do sistema.

Por isso, no capítulo 8 *“Trece coincidencias entre el marxismo y el psicoanálisis”*, o autor busca algumas afinidades, analogias, consonâncias e articulações entre os dois campos, a partir dos seguintes significantes: crítica, suspeita, materialismo, monismo, sintoma, verdade, prática, historicidade, extimidade, divisão, verticalidade e destrutividade. No capítulo 9 *“Doce lecciones del freudomarxismo”*, fruto de um trabalho solicitado por militantes de um coletivo estudantil comunista e revolucionário brasileiro, o autor, a partir de um estilo mais expositivo do que reflexivo, aborda a atualidade do freudomarxismo em doze lições: 1) Recordar o corporal, pulsional e sexual; 2) Não rejeitar a importância do psíquico; 3) Sondar a base irracional da racionalidade científica, tecnológica e socioeconômica; 4) Levar a sério o desejo e a fantasia; 5) Considerar a sexualidade e sua repressão; 6) Enfrentar o patriarcado; 7) Conceber uma educação livre e libertadora; 8) Reconhecer e respeitar a singularidade concreta de cada sujeito; 9) Não evitar as tensões e contradições inerentes à vida psíquica; 10) Evitar o dualismo psicológico; 11) Não idealizar nem espiritualizar a subjetividade e, por fim, 12) Desconfiar da psicologia existente e rechaçar qualquer psicologização.

No capítulo 10 *“Freudomarxismo y pulsión de muerte”*, fruto de um encontro latino-americano sobre o conceito de pulsão de morte que aconteceu no México, o autor propõe um olhar crítico a essa noção, com o intuito e repolitizá-la e reorientá-la no sentido da esquerda. Para isso, reconhece a significação conjuntural histórica e política do termo, de modo que este teria encontrado sua máxima satisfação no gozo do capital. O mesmo movimento reflexivo é feito no capítulo 11 *“Otro Freud para la izquierda: psicología de nuestras masas y análisis del yo”*, onde o autor constrói uma importante reflexão sobre a questão das massas e do “eu”. Para David não formamos a massa, pois, *somos* a massa. Reconhecer essa diferença enunciativa desloca nossa compreensão de uma análise de um “eu” individualizado para uma análise de um “nós” coletivo.

O último capítulo, *“El vacío del sujeto: de su represión en la modernidad capitalista colonial a su retorno sintomático en el marxismo y en el psicoanálisis”*, fruto de uma intervenção do autor em um grupo de psicanálise e descolonização no Brasil, lança uma atual e pertinente questão: a psicanálise seria anticolonial ou colonial? A tese do autor é de que a psicanálise não é, por si mesma, universal, mas foi historicamente universalizada através dos processos de colonização impostos pela cultura europeia. Como se encontra em um lugar ambíguo - por um lado fruto da modernidade ocidental e colonialista, por outro, da crise da modernidade -, há um giro crítico e reflexivo possível através dos aportes de Marx e Freud que a deslocam de um certo lugar estagnado. Com isso, os retornos marxistas e freudianos do reprimido trazem importantes pontos de apoio para os projetos

anticoloniais que pretendem romper com o colonial não de um lugar ilusório externo, mas, admitindo que devem debater-se contra a modernidade ocidental desde seu interior, isso quer dizer, com as suas armas e verdades reprimidas.

Diante disso, não há como não se pensar na importância e na relevância política do vazio: sem ele não haveria movimento. David nos mostra que a civilização europeia sempre teve problemas em lidar com o vazio, dados os seus processos coloniais, nunca deixou brecha para outras culturas, outras realidades, outros mundos possíveis. A partir do aniquilamento do outro – marca fundamental da América Latina a qual conhecemos e vivemos –, o europeu preenche todos os espaços com a sua realidade, com a suas cores, com ele mesmo, não deixando quase nenhuma brecha para qualquer traço de diferença. Neste caso, o vazio é uma condição de possibilidade: um espaço de incerteza e indeterminação imprescindíveis para o reconhecimento materialista do sujeito como tal, “irreductible a cualquier objetivación” (p. 208). Para finalizar, não podemos esquecer jamais – e isso o autor nos lembra muito bem – de que só há sujeito no vazio de um suposto saber sobre ele. Por isso Freud e Marx diferem radicalmente de qualquer modelo psicológico, ao assumirem a negatividade existencial inerente à nossa condição de sujeitos. Não é justamente o contrário disso que fez e continua fazendo a lógica capitalista-colonial? Suprimir as pluralidades preenchendo o vazio em todos os sentidos possíveis? Depois dessa instigante leitura, não há como não lembrar e se inspirar na formidável proposta política dos zapatistas que vivem em Chiapas: por um mundo onde caibam muitos mundos!

Referências bibliográficas

Pavón-Cuéllar, D. (2022). *Sobre el vacío. Puentes entre marxismo y psicoanálisis*. Ciudad de México: Paradiso Editores.